

Sáude em Casa está na sala de espera

CORREIO BRAZILIENSE

13 JAN 1999

Karina Falcone
Da equipe do Correio

Ainda não foram pagos os salários de dezembro e férias. Para os funcionários do Saúde em Casa, nem o tíquete-alimentação e o vale-transporte foram repassados. O programa, que era um dos carros-chefe do ex-governador Cristovam Buarque, enfrenta a primeira crise na mudança do governo. Em defesa do Saúde em Casa e dos próprios empregos, 150 pessoas enfrentaram uma tarde de chuva em frente à Câmara Legislativa.

Por lei, o pagamento de dezembro deveria ter sido feito no quinto dia útil do mês, que foi a sexta-feira passada. Por causa de dois dias de atraso, cinco sindicatos de saúde, a Associação dos Trabalhadores do Saúde em Casa e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) convocaram a categoria para o protesto de ontem. No mesmo dia, a Secretaria de Saúde repassou R\$ 4,6 milhões para o Instituto Can-

dango de Solidariedade, que faz o pagamento dos 4 mil funcionários do Saúde em Casa. Esse montante é referente ao salário de dezembro. Quanto ao pagamento de férias, a liberação do dinheiro depende da aprovação do Orçamento do DF para 1999, que ainda não foi votado na Câmara Legislativa.

"Estamos sendo penalizados por um descaso do governo com o nosso trabalho. Dinheiro não falta para o pagamento", alega o representante do Recanto das Emas, Alexandre Varella. "O protesto foi precipitado. Só atrasamos dois dias, e foi por problemas administrativos", rebateu o secretário interino de saúde de Saúde, Evandro Kalume.

A preocupação dos funcionários do Saúde em Casa, entretanto, não é só com os salários. Desde que Joaquim Roriz assumiu o Governo do Distrito Federal, há dúvidas se o programa será mantido. Ao contrário do Bolsa Escola, sobre o qual Roriz declarou vá-

rias vezes em campanha que daria continuidade, o futuro do Saúde em Casa ainda não foi definido.

Segundo a deputada distrital Maria José Maninha (PT), secretária de Saúde que criou esse tipo de atendimento médico, o governador Roriz trataba o programa com desprezo, no início da campanha. "Até o governo federal, grande aliado de Roriz, reconhece a importância desse projeto e o copia", defende.

EM ESTUDO

O secretário interino afirmou que o programa ainda está em estudo. E que, só depois de se conhecer mais detalhadamente o Saúde em Casa, será tomada alguma decisão sobre a sua permanência no governo. O estudo será feito pela nova coordenadora do Saúde em Casa, Maria da Paz Coutinho, nomeada na segunda-feira.

Se o governo não se define, os sindicatos e a oposição especulam. Dois dos projetos enviados pelo go-

vernador para ser votado pela Câmara Legislativa seriam uma tentativa "maquiada" de acabar com o Saúde em Casa.

Segundo a diretora da CUT, Rejane Pitanga, os projetos que criam a Secretaria de Solidariedade e o Programa de Fortalecimento têm algumas das características do Saúde em Casa, o que leva os funcionários a concluírem que o programa poderá ser extinto.

A preocupação da oposição é que, em uma tentativa de adaptar o Saúde em Casa, o governo desvirtue o programa. Para Maninha, a proposta do futuro secretário de Saúde, Jofran Frejat, sobre agentes de saúde e assistência em casa são completamente diferentes do que vem sendo realizado com as comunidades.

Na proposta original do Saúde em Casa, os agentes comunitários visitam as famílias com freqüência. No entendimento de Frejat, os agentes iriam às residências em ocasiões

eventuais, como campanha de vacinação. O trabalho de rotina seria nos postos de saúde.

Da forma como foi elaborado no governo de Cristovam, o programa consiste em uma Casa de Saúde para cada mil famílias. É nesse local onde a infra-estrutura fica montada. Além disso, ainda há a visita permanente dos agentes comunitários para as campanhas preventivas. Atualmente, 14 cidades têm o Saúde em Casa. Isso corresponde a 1 milhão e 300 mil pessoas sendo atendidas pelo programa.

Na manifestação de ontem, apenas um grupo de 30 funcionários do Saúde em Casa conseguiu entrar na Câmara Legislativa para levar as reivindicações da categoria aos deputados. Cerca de outras 100 foram proibidas pelo presidente da Casa, Edmar Pirineus (PMDB), a ter acesso ao plenário. Do lado de fora, na chuva, eles protestaram cantando: "Abre a porta e a janela e deixa a saúde entrar", slogan do programa.